



CULTURA E IDENTIDADE EM DIÁSPORA

Tcharly Magalhães BRIGLIA¹
Sandra Maria Pereira do SACRAMENTO²

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

A publicação de *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*, no Brasil, teve como um dos principais incentivadores o próprio autor, Stuart Hall, considerado um dos pioneiros dos Estudos Culturais (EC). Hall é advindo de um contexto propiciador de identidades diaspóricas. De origem jamaicana, a luta pela independência do seu país de origem fez parte de sua vida, ao mesmo tempo em que a Segunda Guerra Mundial lhe incitou a preocupação anticolonial e a reflexão sobre a contradição da cultura colonial. A partir do momento que se distancia da sua terra e vai estudar Literatura, em Oxford, Hall passou a exercer significativos papéis no âmbito político, sem se distanciar das questões culturais. Atualmente, além de professor da Open University, na Inglaterra, desempenha papel de destaque na área de estudos sociais, tendo sido um dos fundadores e diretores do Centre For Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, instituição de extrema importância para a consolidação dos EC.

A ênfase desta obra recai sobre a análise da globalização e das políticas culturais. No intuito de *deslocar* as posições de poder e, conseqüentemente, propor sua democratização, Hall coloca a questão paradigmática da teoria cultural centrada na relação entre o social e o simbólico, problematizando o modo de pensá-la de forma não reducionista. Em sua jornada teórica, o autor apresenta e discute muitos pensamentos importantes para a afirmação do *logos* ocidental. Marx, Althusser, Gramsci, Derrida, Bakhtin, dentre outros, são alguns estudiosos, pelos quais a análise se delinea, nas cinco partes da obra, dividida em quatorze capítulos. Algo que é posto, desde o princípio, em caráter basilar, centra-se no intrínseco interesse público e político no trabalho de elaboração e produção de cultura.

A primeira parte da obra é destinada a discutir as controvérsias inerentes aos conceitos e debates sobre a diáspora, a questão multicultural e o pós-colonial. No capítulo “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior”, Hall localiza o nascimento da

¹ Estudante do curso de Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus-Bahia, voltado para Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Bolsista de Iniciação Científica (FAPESB), orientado pela Profª. Drª. Sandra Maria Pereira do Sacramento (líder do grupo de pesquisa Representações identitárias híbridas da nação), constante da Plataforma Lattes/ CNPq. Desenvolveu, de agosto de 2008 a julho de 2009, o projeto intitulado As facetas singulares do feminino em Mar Morto, vinculado ao projeto da orientadora: O feminino e a narrativa da nação. Desde agosto de 2009, passou a trabalhar no projeto Assim Caminha Gabriela cheia de bossa, com os mesmos vínculos da bolsa anterior. Possui publicações na área de pesquisa, como constam em seu currículo Lattes/CNPq). E-MAIL: tcharlybriglia@gmail.com

² Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ. Coordenadora do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Membro do corpo Docente do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, Professora Associada à Cátedra UNESCO de Leitura, Professora Plena de Teoria da Literatura do DLA/UESC), com publicações em vários periódicos, como constam em seu currículo Lattes/CNPq.



diáspora negra afro-caribenha no pós-guerra (1948), discutindo suas implicações para a cena pós-moderna. A identidade afro-caribenha, nesse sentido, é entendida a partir do entrelaçamento dos elementos culturais africanos, asiáticos e europeus, derivando daí, a impossibilidade de definição de traços identitários autênticos.

A estética diaspórica, concebida por Kobena Mercer (1994), é advinda da constatação da existência de uma lógica cultural, responsável por carnavalizar e, por que não, “crioulizar” a lógica dominante do inglês, língua-nação, e do metadiscorso insistente na construção de um “Outro” rigidamente oposto e inferior. Vale ressaltar o trabalho de Mercer enquanto crítico cultural. Seu trabalho acerca das representações das artes visuais da África diaspórica e o conseqüente estudo das tendências políticas pós-identitárias têm aberto novas linhas de investigação na área das Artes, principalmente, a partir de *Welcome To The Jungle: New Positions in Black Cultural Studies* (1994). Recorrendo-se à *différance* derridiana e ao dialogismo de Bakhtin, pode-se compreender melhor o “inevitável deslize” do significado (p. 33), propiciador de uma rede de significados culturais aberta e exposta às relações de troca e fusão que configuram o hibridismo.

O capítulo dois debate a questão multicultural, conceito que precisa ser visto sob rasura, conforme explica Hall. Já de início, faz-se a distinção entre o multicultural – termo que qualifica as características e problemas culturais de uma sociedade – e o multiculturalismo – visto enquanto uma filosofia específica ou doutrina que sustenta as estratégias multiculturais (p. 50). São muitas, todavia, as formas de manifestação do multiculturalismo, algo que evidencia a importância da diferença cultural na modernidade tardia. Pode-se falar em sociedades étnicas ou mistas, ou seja, os Estados multiculturais, que se formaram após o desmoronamento dos grandes impérios coloniais europeus.

Nessa arena multicultural e global, acontece o que Hall classifica como proliferação subalterna da diferença, um conjunto de modernidades vernáculas que se ancoram na *différance*. O *local* ressurgiu com força capaz de instaurar a rasura, opondo-se às construções binárias fixas. A fim de “perturbar” a linguagem de ‘raça’ e ‘etnia’, o autor coloca a questão da etnicidade como geradora de um discurso em que a diferença se funda sob características culturais e religiosas. Raça, segundo essa visão, é uma construção social e política, cujos registros mais explícitos são o racismo biológico e a discriminação cultural. Daí, a necessidade da demanda contra o racismo diferenciado e o etnocentrismo universalizante.

O reacender da discussão sobre o multiculturalismo apresenta uma série de relações com o pós-colonial. Aliado a esta tendência, não se pode desconsiderar as particularidades do fenômeno da globalização, que, embora de origem secular – remonta às Grandes Navegações – tem definido a sociedade contemporânea como uma sociedade homogeneizante, dominada pela ideologia neoliberal. Nessa esfera, o pós-colonial adquiriu *status* de signo de desejo e sinal de perigo.

O que o termo pós-colonial, inclusive, objeto de estudo e problematização do terceiro capítulo, “[...] *pode* nos ajudar a fazer é descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição [...] da era dos Impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização” (p. 101). Logo, os movimentos culturais decorrentes do pós-colonialismo abrem espaço para *rasurar* as estruturas e ideologias homogêneas e, ao mesmo tempo, repensar o modo de ver a diferença. *Pós*, nesse sentido, deve ser visto como término de uma era para o início de outra, bem como um *ir além* nas possibilidades.

Na segunda parte de *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*, são apresentados os marcos dos EC, entre eles, a participação de Raymond Williams e Richard Hoggart. A cultura é vista como uma interação mútua de todas as práticas sociais (p. 133), por meio da qual os homens e as mulheres constroem a história.



Destaca-se também o trabalho sobre cultura, desenvolvido por Lévi-Strauss, na medida em que este considera a cultura como algo de maior importância que as ideologias.

Dois perspectivas podem ser vistas como ramos dos Estudos: a do Estruturalismo e a do Culturalismo. “[...] – em suas divergências, assim como em suas convergências – eles enfocam o que deve ser o *problema central* dos Estudos Culturais” (p. 147-8). Outra ressalva importante diz respeito às imbricações econômicas nas esferas cultural e ideológica da sociedade. Nela, a posição do sujeito é oposta nas duas tendências: ausente, no Estruturalismo; descentrada no Culturalismo.

No capítulo seguinte, o autor aborda as contribuições de Althusser nos debates pós-estruturalistas, refletindo sobre as questões de significação, representação e ideologia. O teórico francês não desvia seu olhar da *diferença*, vendo-a como parte das contradições sociais. A ideologia, nesse sentido, tem por função reproduzir as relações sociais, o que nos faz lembrar Marx, cujas formulações clássicas são problematizadas por Althusser. Ele critica as noções de classe dominante e de falsa consciência, bem como a teoria reducionista (Epistemologia/Empirismo).

Para Althusser, a ideologia é uma prática materializada pela linguagem e pelo comportamento, enfim pelas práticas sociais, que só funcionam através do sujeito. Os Aparelhos Ideológicos do Estado, esmiuçados pelo teórico, podem ser polarizados entre as dimensões do masculino (pólo marxista) e feminino (pólo da psicanálise).

O legado dos EC é debatido no capítulo posterior. De imediato, já se esclarece o erro que pode ser construído, caso sua abertura seja vista de modo simplista. As contribuições de Marx, cuja teoria é criticada, dado o seu traço eurocêntrico, residem na arena do simbólico, da linguagem, da ideologia e da cultura. No tocante a Gramsci, sua importância, embora citada, é esmiuçada, em um capítulo seguinte. Algo que permite a abertura dos EC, contra a hegemonia e a favor do pluralismo, são as relações estáveis estabelecidas entre o Feminismo e a Psicanálise, de igual modo, os diálogos existentes com o trabalho estruturalista, semiótico e pós-estruturalista.

Outro fator relevante refere-se à *virada lingüística*, isto é, à abertura textual e discursiva proposta pela teoria. Conforme o prisma da pluralidade – independentemente das idiossincrasias das vertentes britânica e americana – devem, os estudos da cultura “[...] analisar certos aspectos da natureza constitutiva e política da própria representação, das suas complexidades e dos efeitos da linguagem, da textualidade como local de vida e morte” (p. 201).

O quarto capítulo da segunda parte é dedicado aos estudos de Allon White, cuja morte prematura impediu que fosse reconhecido como um dos nomes dos EC. Hall analisa uma de suas obras, ao passo que descreve alguns momentos de trabalho conjunto, que ambos tiveram, na época em que White esteve em Birmingham. Em um de seus livros, *A política e a poética da transgressão* (1986), estudam-se os domínios cultural e social na Europa pós-renascentista.

A princípio, apresentam-se algumas reflexões concernentes às metáforas culturais. Identifica-se, nesse sentido, uma questão paradigmática da teoria da cultura: pensar de forma não reducionista as relações entre o “social” e o “simbólico”. Segue essa reflexão, o debate acerca do legado bakhtiniano. No capítulo, exploram-se ainda pontos seminais na consolidação dos EC, visualizando-se, de modo mais claro, o profícuo diálogo estabelecido por Hall com outros estudiosos, com destaque para Gramsci e Bakhtin.

O autor também alude aos primórdios da teoria e suas discussões acerca das categorias de alto/baixo no debate cultural. Textos de F. R. Leavis e de Raymond Williams são vistos como cruciais para o debate sobre cultura popular e de massa, transgressão, inversão simbólica, contestação cultural, o nacional popular, a alteridade, a



ideologia – repensada pelos pensadores do Centre For Contemporary Cultural Studies, enquanto signo plurivalente.

A terceira e mais densa parte de *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* analisa a relevante contribuição de Marx e Gramsci para os EC. Inicia-se com a polêmica quanto à compreensão de cultura popular, identificada ora como um lócus de resistência à cultura dominante, ora como terreno onde as transformações sociais operam. No primeiro capítulo da referida parte, ainda há a análise dos sentidos das lutas culturais, vistas como incorporação, distorção, resistência, negociação e recuperação. Quanto à classe popular, debate-se o modo de sua identificação, seja como cultura dos oprimidos, seja como cultura das classes excluídas.

No capítulo seguinte, Stuart Hall discorre sobre o *problema* da ideologia. Impossível falar de ideologia sem trazer para o cerne das discussões as contribuições de Marx, que associava o conceito ao pensamento burguês, embora sua idéia de “falsa consciência” não seja, hoje, vista como a única válida – dada à ampliação do conceito de ideologia, que abarca todas as formas organizadas de pensamento social. Foi Althusser, filósofo revisionista do marxismo, quem apresentou uma discussão mais discursiva e linguística da ideologia.

A fim de investigar como os sujeitos ideológicos são formados através de processos psicanalíticos, Althusser recorre às noções de interpelação e posicionamento, ambas “emprestadas” de Freud e Lacan. “Foi Althusser quem deslocou radicalmente a metáfora ‘base/superestrutura!’” (p. 255). Marx, por sua vez, enfatizou, de modo mais incisivo, as forças de mercado e os sistemas econômicos condensados na infraestrutura. O circuito capitalista dessa engrenagem pode ser sintetizado no esquema produção, consumo e reprodução.

Falar sobre todas as minúcias acerca da ideologia, colocadas por Hall, comprometeria a necessária leitura integral da obra. O pensamento de Gramsci, por exemplo, é explorado no capítulo referente à ideologia, embora seja ele o destaque do capítulo posterior. Gramsci não foi teórico, mas sim, um ativo intelectual político italiano. Sua contribuição para a apreensão do pensamento marxista no âmbito do ideológico é colocada de modo bem enfático. Sua relevância também reside nos estudos de raça e etnicidade.

Em relação a Marx, Gramsci dirige um olhar mais específico aos aspectos políticos, ideológicos e históricos (p. 281). Entre as análises de ótica gramsciana, encontram-se a não-correspondência entre as dimensões política, econômica e ideológica; o problema crítico das relações entre superestrutura e infraestrutura; o modo de produção; a formação social, e, sobretudo, a noção de hegemonia. Para isso, o pensador estabelece a diferença entre a classe que domina e a classe que dirige; o Oriente e o Ocidente, a sociedade civil e o Estado – este último visto como ponto de condensação da hegemonia, rompendo com a definição de Estado de modo coercitivo, dominador e conspirador. Por fim, coloca-se a discussão quanto aos sujeitos da ideologia, vistos em suas múltiplas faces e representações.

O capítulo que encerra a terceira parte problematiza “Que negro é esse na cultura negra?”. Para Stuart Hall, a cena contemporânea é o momento ideal para se colocar a questão da cultura negra. Tal reflexão decorre do deslocamento dos modelos europeus de traços culturais universalistas; o surgimento dos EUA como potência mundial e a descolonização do terceiro mundo.

A reação das vozes marginais ao centramento hegemônico imposto pelas narrativas ocidentais está no âmago das políticas culturais. Daí que se pode consolidar a transformação da vida cultural, dada à necessidade de uma estética diaspórica, que rompa com as formas puras e assumam de vez os compostos híbridos. Além de retomar as



concepções de Bakhtin, o capítulo discute as interpretações da invisibilidade e da visão de cultura popular mercantilizada e estereotipada.

As partes quatro e cinco da obra, em apreço, são compostas por entrevistas concedidas por Stuart Hall. A primeira, realizada na Universidade de Massachusetts, em 1989, aborda pontos de discussão acerca do ensaio “Codificação/Decodificação”, escrito pelo jamaicano, em 1980, e reproduzido no capítulo seguinte da obra. Nele, Hall se posiciona contra a unilinearidade do fluxo unidirecional. Entre as relevantes análises contidas, destaca-se a concepção de ideologia como tentativa de fixação do significado, e aquela que se refere às competências lingüísticas e de leitura como instâncias fundamentalmente sociais. Obviamente que a relação codificador (produtor) e decodificador (receptor), cerne do texto, não pode ser desconsiderada.

Na quinta e última parte da obra, é reproduzida outra entrevista, agora de *Kuan-Hsing Chen*, na qual Stuart Hall disserta sobre a sua formação enquanto intelectual diaspórico. Ao considerar que a experiência paradoxal de estar dentro e fora é a concepção arquetípica da modernidade tardia, o autor coloca a sua experiência na colônia como fator de preparação para a sua carreira na Inglaterra. Em seguida, narra fatos familiares que implicaram em suas escolhas, bem como, coloca as bases de “surgimento” dos EC.

A leitura integral de *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* proporciona ao estudioso/leitor/pesquisador, contato com uma ampla rede de concepções teóricas, fundamentais para a sua atuação no jogo de significados plurais dos EC. Destaca-se a habilidade de Stuart Hall de transitar entre as mais diferentes teorias, relacionando-as com o seu pensamento. No contexto hodierno da modernidade tardia, ou pós-modernidade, Hall apresenta uma obra ímpar na compreensão da diluição das fronteiras hegemônicas e do constante diálogo carnavalizado das manifestações culturais, responsáveis por construir identidades cada vez mais diaspóricas.

REFERÊNCIAS DOS TEXTOS CITADOS

MERCER, Kobena. *Welcome To The Jungle: New Positions in Black Cultural Studies*. London: Routledge, 1994.

STALLYBRASS, Peter; WHITE, Allon. *The Politics and Poetics of Transgression*. Ithaca, NY: Cornell, 1986

Recebido para avaliação em 05/06/2010
Aceito para publicação em 30/09/2010